

Fluidez e possibilidades: reflexões múltiplas e decoloniais em torno do filme *Corpo Elétrico*, de Marcelo Caetano

ERTZ CLARCK MELINDRE DOS SANTOS*

Resumo: A película *Corpo Elétrico*, de Marcelo Caetano, nos apresenta Elias, protagonista interpretado por Kelner Macêdo, um Assistente de Moda que trabalha numa fábrica têxtil do centro de São Paulo. Atuando no campo mais teórico da Modelagem ele quebra os padrões exigidos pelo patrão, criando com os colegas uma relação de proximidade que é tão diversa quanto os seus vários relacionamentos com homens distintos como é o seu rol de amizades. A homossexualidade do personagem principal lembra uma tatuagem daquelas preferidas que com o passar do tempo é somente retocada pra que brilhe mais: (re)construída com os diversos encontros que a vida proporciona pra quem caminha rumo às tantas trajetórias (im)possíveis que vão surgindo num cotidiano que busca ultrapassar a rotina massacrante do apagamento da criatividade. É um campo mais do que fértil para vários desdobramentos analíticos contemporâneos e em especial decoloniais.

Palavras-Chave: Cinema; Estudos de Gênero; Homossexualidades; Teoria *Queer*.

Fluidity and possibilities: multiple and decolonial reflections around the film *Corpo Elétrico*, by Marcelo Caetano

Abstract: The film “Corpo Elétrico” by Marcelo Caetano, presents Elias, protagonist played by Kelner Macêdo, a Fashion Assistant who works in a textile factory in the center of São Paulo. Acting in the more theoretical field of Modeling he breaks the patterns demanded by the boss, creating with his colleagues a relationship of proximity that is as diverse as his various relationships with distinguished men as is his role of friendships. The homosexuality of the main character resembles a tattoo of those favorites that with the passage of time is only retouched to shine more: (re)constructed with the various encounters that life provides for those who walk towards the many (im)possible trajectories that are emerging in a daily life that seeks to overcome the massacring routine of erasing creativity. It is a more than fertile field for several contemporary analytical developments and especially decolonial ones.

Keywords: Movie Theater; Gender Studies; Homossexualities; *Queer* Theory.



* ERTZ CLARCK MELINDRE DOS SANTOS é doutorando em Psicologia (UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis).

Iniciando uma trajetória

*O amor é um fogo que arde sem se ver
É ferida que dói, e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
(Camões)*

*O amor é finalmente
um embaraço de pernas,
uma união de barrigas,
um breve tremor de artérias
uma confusão de bocas,
uma batalha de veias,
um reboço de ancas,
quem diz outra coisa é besta
(Gregório de Matos Guerra)*

*Eu fico
Arquitetando como fugir
Do teu poder de seduzir
Desse teu jeito de me olhar
É que me conheço
E me aflige ficar
Em suas mãos
Que é meu desejo
Num paradoxo gostar, temer
Doma meu corpo
Meus pensamentos leva
Pra outra dimensão
Voo e retorno
Fico em seu colo
Bem que eu tentei me iludir
Achando que seria tudo casual
Vem você sorrindo
E me revira o mundo
Agora vou por onde
O teu sorriso me guiar
(A Estação, de Alice Caymmi)*



[Protagonismo plural em *Corpo Elétrico*, 2018.](#)

Camões, Gregório e Alice nos trazem três possibilidades de amar, sentir e mergulhar nos afetos que embriagam, cegam e revigoram pra potência de viver as várias possibilidades de relacionamentos.

E como essa tríade poética se relaciona com *Corpo Elétrico*, filme do sociólogo mineiro Marcelo Caetano? Nada? Tudo? Ou não importa saber?

Mar: início e fim...

“Nossa, eu tenho sonhado muito com o mar esses dias. Acho que antes de ontem eu tive um sonho muito maluco. Eu fui assim na praia, super deserta, saca, não tinha nada, nada, ninguém. E era noite. Aí tava um breu, assim... Só o barulho do mar. Aí tirava a roupa inteira e ia nadar. Nadar, nadar, nadar... Quando chegava assim... Veio uma onda. Sargaço. Sabe... Aí, começou a tomar conta do meu corpo todo, assim, me enrolar

inteiro. Chegou uma hora que eu não sabia nem onde eu tava. Era só escuro, e água, e breu, e... Mas foi gostoso. Não foi ruim, não...”
(Elias).

De uma modernidade líquida bem estilosamente baumaniana, o filme nos traz Elias, interpretado por Kelner Macêdo, um Assistente de Moda que trabalha numa fábrica têxtil localizada no centro de São Paulo, mais especificamente no Bom Retiro, bairro comercial amplamente visitado durante o dia e bastante deserto à noite.

Atuando no campo mais teórico da Modelagem têxtil ele quebra os padrões exigidos pelo patrão, criando com os colegas uma relação de proximidade que é tão fluida quanto os seus vários relacionamentos com homens tão distintos como é o seu rol de amizades.

A homossexualidade masculina cis (quando há uma relação afim entre o

sexo biológico e o gênero experienciado) é trazida, apresentada, mas o que mais marca é o fato dela ser ignorada, isto é, não é encarada prioritariamente como um marcador social, mas apenas como a parte de um corpo que pulsa diversas outras possibilidades de existir. Destoa das injúrias tão reflexivas de Eribon (2008):

“Viado nojento” (“sapata nojenta”) não são simples palavras lançadas *en passant*. São agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo (pois a timidez, o constrangimento, a vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das conseqüências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo. (ERIBON, 2008, p. 27).

Essa (homos)sexualidade lembra uma tatuagem daquelas preferidas que com o passar do tempo é somente retocada pra que brilhe mais: construída e reconstruída com os diversos encontros que a vida proporciona pra quem caminha rumo às tantas trajetórias possíveis e até impossíveis que vão surgindo... Às vezes parado. Às vezes andando. Às vezes correndo. Mas sempre sentindo... Lembra muito uma das contribuições de Louro (2008):

Na viagem que empreendem ao longo da vida, alguns sujeitos deixam-se tocar profundamente pelas possibilidades de toda ordem que o caminho oferece. Entregam-se aos momentos de “epifania”. Saboreiam intensamente o inesperado, as sensações e as imagens, os encontros e os

conflitos, talvez por adivinharem que a trajetória em que estão metidos não é linear, nem ascensional, nem constantemente progressiva. Suas aventuras podem, no entanto, parecer especialmente arriscadas e assustadoras quando se inscrevem no terreno dos gêneros e da sexualidade – afinal essas são dimensões tidas como “essenciais”, “seguras” e “universais” – que, supostamente, não podem/não devem ser afetadas ou alteradas. Por isso o efeito e o impacto das experiências desses sujeitos são tão fortemente políticos – o que eles ousam ensaiar repercute não apenas em suas próprias vidas, mas na vida de seus contemporâneos. Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver. (Louro, 2008, p. 23).

Elias traz a ética anal da obra *Pelo cu*, pois não se enquadra nem como o penetrado e muito menos como o que penetra: ele traz ao espectador a flexibilidade da dúvida. A multiplicidade do sentir. Está para além do que trazem Sáez e Carrascosa (2016), na obra anteriormente citada, em se tratando do quão é diferenciada a construção da masculinidade cis:

A masculinidade dos homens se constrói de uma forma estranha: por um lado, evitando a todo custo a penetração, mas, por outro lado, com uma curiosa permissão para penetrar o que quer que seja, incluindo o cu de outros homens. Com uma dupla moral bem chamativa, esse “ato tão asqueroso que fazem as bichas” (dar pelo cu), em muitas culturas, não ameaça a masculinidade; ao contrário, é permitido – desde que feito com o papel ativo. Muitos homens hetero penetram analmente suas mulheres (de repente este ato já não é tão

asqueroso, mas preferem não falar dele); muitas mulheres penetram em seus maridos (disso se fala ainda menos); muitos homens penetram outros homens em praias, parques, banheiros, saunas, e pelo fato de serem ativos, não se consideram gays, nem bichas, nem sodomitas, nem homossexuais: bichas são os penetrados. Muitas mulheres penetram em outras mulheres analmente, mas isso não existe para o imaginário machista e lesbofóbico, seu curto repertório bissexual não dá para conceber isso. Muitas mulheres trans com pênis penetram analmente em homens, mulheres e outras trans, mas isso é castigado pelo regime médico que vigia as pessoas trans, isso não é ser “uma mulher de verdade” (“tome hormônios, deixe-se penetrar, ou melhor, opere-se”). (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016, p. 29-30).

Nosso protagonista divide o estrelato representante de um proletariado contemporâneo com amigos que são como uma família originalmente mais próxima: aquela que é escolhida por ele. Não há dúvidas, angústias sufocantes ou questões existenciais intensas. Eles simplesmente se sentem, nos contatos, nas escutas e também nas camas uns dos outros.

Na cena em que todos são apresentados ao espectador numa ida inicial a um boteco, mas que por fim adentram na casa de um deles, há uma despreocupação com o destaque para esse ou aquele personagem: todos se misturam, se embrenham, em alguns momentos sem se ouvirem, pois não há uma linearidade no falar/escutar. São muitos devires que explodem simultaneamente...

A película começa falando do mar, passando pelo singular sargaço (uma espécie de reunião de algas marinhas que se fazem presentes também no litoral brasileiro) e depois somos imersos na atmosfera objetiva da Modelagem Plana. Elias experimenta ser Modelista, mas a Criação em Moda é sua atuação mais predominante. Criar e se recriar é um dos seus maiores potenciais dentro e fora da fábrica. A fluidez de sua vida sexual felizmente não dialoga com os dogmas da moral e bons costumes. Ele desenha suas experiências de vida e com isso mistura Desenho de Moda (observação) com o cotidiano.

Elias e Fernando x Elias e Artur – O paradoxo das roupas e a nudez

O universo das pessoas trans é trazido com a naturalidade com que elas merecem ser tratadas. Ru Paul lá e “Simplesmente Pantera” aqui. Pica, cu, masculinidade? Não. Apenas possibilidades.

A trama traz narrativas que geram uma liberdade imaginativa singular, como no momento em que Elias conta para o amigo sobre sua aventura sexual com um vigilante. O espectador que esperava ver alguma cena se depara com ela sem assisti-la tradicionalmente. Não há verdades, surgem sim, reforçamos, possibilidades, como no olhar construcionista de Gergen & Gergen (2010):

A busca por conhecimento sempre esteve intimamente associada à busca da Verdade. Contrastando com esta tradição, os construcionistas entendem o conhecimento como produto de determinadas comunidades, sendo orientado por hipóteses, crenças e valores particulares. Não existe

uma “Verdade para todos”, mas uma “verdade no âmbito de uma comunidade.” Pessoas que são chamadas de “ignorantes” não são destituídas de todo saber; elas simplesmente não fazem parte da comunidade que as considera ignorantes e funcionam com um tipo diferente de conhecimento. Assim, professores de matemática não sabem mais do que jogadores de basquete, da mesma maneira que historiadores não sabem mais do que pedreiros. O saber de cada grupo funciona de forma diferente e atende a diferentes finalidades (GERGEN e GERGEN, 2010, p. 79).

Corpo Elétrico não se desliga, mas diminui a voltagem criando rotas de fuga em relação ao mundo exploratório e até por vezes escravocrata do trabalho têxtil: Wellington, a espetacular bicha preta possui diversas dores musculares tratadas com as massagens de Elias e Maria, também negra que mal consegue adoecer em pleno local de trabalho. Djamila Ribeiro (2017), na obra “O que é lugar de fala?” traz um conjunto de reflexões potentes que evidenciam o quanto a população negra foi silenciada, negligenciada e invisibilizada dos contextos de produção intelectual em nosso país. A leitura dela gera abstrações que podem ser relacionadas também às vivências das personagens negras do filme em tela, como no fragmento a seguir:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma

alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursavam a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (RIBEIRO, 2017, p. 63-64).

Caminhando nessa perspectiva plural torna-se necessário evidenciar também as contribuições de Stubs, Teixeira Filho e Peres (2014), quando abordam esse dinamismo sensível que é necessário ao pesquisador das mais variadas perspectivas:

A subjetivação, na relação com as forças que nos chegam por todos os lados, pressupõem um movimento, uma conectividade entre o que costumamos chamar de interno-externo. No acoplamento eu-mundo, o exterior nos penetra e a relação com nós mesmos nos particulariza. As demarcações de localidades se dissipam no próprio movimento que as localizam. Ocorre a delimitação de pontos singulares de passagem, localizações deslocalizantes, pois impregnadas de velocidade, que ora acelera, ora lentifica as afetações. É nesse sentido que os modos de subjetivação transcendem a conhecida matemática do objetivo-

subjetivo. (STUBS, TEIXEIRA FILHO e PERES, 2014, p. 787).

(En)fim, a trama destoa do ortodoxo, como também na cena do casamento simbólico dos amigos do(s) protagonista(s) e em especial no final criativamente inacabado.

A Teoria Queer como um possível finalizar contínuo...

Marca de uma estrela
(Guilherme Arantes)

Em cada roupa que vestir
E objeto que usar
Vai deixar...
A marca de uma estrela

Em cada foto ou tela onde estiver
Cada passarela em que pisar
Vai deixar...
A marca de uma estrela

O corpo todo no lugar
Um jeito fácil de brilhar
Nenhum esforço pra agradar
Displcientemente chique

Pelos lugares onde vai
O tipo de amigos com quem sai
Seu estilo é um imã que atrai
Não há quem não identifique

Se movimenta sem parar
Na sua órbita estrelar
Sonhando alto a convidar
Quem acompanhar seu pique

Tudo o que pensa é especial
Tudo o que tem é original
Que todo o seu luxo essencial
Somente aumente e multiplique

O cantor Guilherme Arantes, em 1996, traz na canção supracitada um misto de sensualidade e feminilidade relacionada inicialmente à cisgeneridade, isto é, deixa subtendido que o corpo lido como

feminino é o padrão mais intenso de beleza.

No entanto, pela multi ótica *Queer* essa visão pode ser facilmente transportada para outras possibilidades de existência. A marca dessa estrela pode ser visualizada a partir de onde seu público a localiza, e em especial, a sente como uma presença singular e não massificada. Dessa forma, todos os vocábulos que num primeiro momento podem lembrar um reforçamento do “ideal heteronormativo”, passam a dialogar com o múltiplo, o indefinível e em especial o tido como inapropriado. Pode ser literalmente como uma metáfora escorregadia para uma existência *Queer*, que flui, deságua e reverbera continuações e transformações que desprezam o previamente estabelecido.

Finalizamos temporariamente nosso passeio reflexivo vindo de São Paulo diretamente para o Recife. Aqui continuaremos nossas trajetórias (des)norteadoras no sentido de novos rumos tendo como um guia especial o cantar de Lenine (2011), representante potente da sensibilidade de persistir, mesmo diante das tempestades. Sigamos...

Envergo mas não quebro
Lenine / Carlos Rennó

Se por acaso pareço
Que agora já não padeço
De um mau pedaço na vida
Saiba que minha alegria
Como é normal, todavia
Com a dor é dividida

Eu sofro igual a todo mundo
Eu apenas não me afundo
Em um sofrimento infundo
Eu posso até ir ao fundo
De um poço de dor profundo

Mas volto depois sorrindo

Em tempos de tempestades
Diversas adversidades
Eu me equilíbrio, e requebro
É que eu sou tal qual a vara
Bamba de bambu-taquara
Eu envergo mas não quebro

Não é só felicidade
Que tem fim na realidade
A tristeza também tem
Tudo acaba, se inicia
Temporal e calmaria
Noite e dia, vai e vem

E quando é má a maré
E quando já não dá pé
Não me revolto ou me queixo
E tal qual um barco solto
Salvo do alto-mar revolto
Volto firme pro meu eixo

E em noite assim como esta
Eu cantando numa festa
Ergo meu copo e celebro
Os bons momentos da vida
E nos maus tempos da lida
Eu envergo mas não quebro

Referências

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. **Construcionismo Social: um convite ao diálogo**. Trad. Gabriel Fairman. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando (Feminismos Plurais), 2017.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Pelo cu**: políticas anais. Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2016.

Internet

DEFINIÇÃO DO AMOR: POEMA DE GREGÓRIO DE MATOS GUERRA. Lendo poesia (blog). Disponível em: <<http://jeffersonbessa2.blogspot.com/2016/09/ddefinicao-do-amor-poema-de-gregorio-de.html>>. Acesso em 15.12.2018.

SESC BELENZINHO APRESENTARÁ MOSTRA GRATUITA DE FILMES LGBT. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/pMnQc9SEegHdNhNd6>>. Acesso em 25.04.19.

STUBS, R.; TEIXEIRA FILHO, F. S.; PERES, W. S. A potência do cyborg no agenciamento de modos de subjetivação pós-identitários: conexões parciais entre arte, psicologia e gênero. **Fractal Revista de Psicologia**, Niterói, v. 26, n. 3, p. 785-802, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v26n3/0104-8023-fractal-26-03-0785.pdf>>. Acesso em 13.11.2018.

Audiografia

ALICE CAYMMI. *Alice*. São Paulo: Universal. 1 CD. Faixa 2, “A estação”, 2018.

GUILHERME ARANTES. *Outras cores*. São Paulo: Polygram, Polydor. 1 CD. Faixa 4, “Marca de uma estrela”, 1996.

LENINE. *Chão*. Rio de Janeiro: Universal Music LTDA, Casa 9. 1 CD. Faixa 6, “Envergo mas não quebro”, 2011.

Videografia

CORPO ELÉTRICO. Marcelo Caetano (dir.). Marcelo Caetano e Ivan Melo. Brasil: Plateau Produções e África Filmes. Português (PT). 1 filme (94 min.), son., col. DVD. [Título original: *Corpo elétrico*]. Vitrine Filmes (dist.). Sem legendas, 2017.

Recebido em 2019-05-30
Publicado em 2019-07-04